

O pesquisador das práticas espetaculares da dança: Aventura ou ousadia

Lúcia Fernandes Lobato
Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas/ UFBA

Resumo: A comunicação aborda algumas ousadias metodológicas que nortearam os atuais pesquisadores das práticas espetaculares em dança. São apresentadas questões desse novo campo de investigação, como transdisciplinaridade, relativização dos grandes sistemas explicativos, priorização das conexões, o entrelaçamento de todos os elementos que constituem um fenômeno social particular e as articulação de saberes locais que situam o fato singular. Ressalta a importância da reconciliação das ciências nesses processos, indicando que a sociologia contemporânea, a antropologia cultural, a história oral e a micro história têm sido um campo fértil para o pesquisador dos processos coletivos espetaculares da dança.

Busca delinear um perfil desse pesquisador apontando características recorrentes nas recentes investigações, tais como capacidade de imersão nas relações humanas da comunidade em questão, atitude de abertura para a diferença, o exercício da alteridade, o risco e a experiência do estranhamento. Considera que o investigador das danças etnocenológicas trabalha com testemunhos atuantes carregados de representações simbólicas, arquivos culturais e diferentes cosmovisões de um complexo cruzamento de histórias. Por essas razões, ousa nomeá-lo um pesquisador encarnado.

Outro aspecto peculiar é reconhecer o caráter perturbador da presença desse pesquisador como um fato gerador de uma nova situação no grupo. Por conta disso, alerta ser fundamental ele compreender as motivações extra-científicas que o levaram e o qualificaram enquanto observador.

Nesta reflexão, a autora se fundamenta principalmente em François Laplantine, Michel Maffesoli e Leda Maria Martins.

Palavras-chaves: pesquisador, dança, processos coletivos

A Etnocenologia é definida como o estudo, nas diferentes culturas, das Práticas e dos Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados. Sua hipótese é conceber a atividade espetacular humana como traço característico da espécie sustentado pela unidade corpo/pensamento

A preocupação atual de seus pesquisadores é compreender as especificidades dos caminhos metodológicos a serem trilhados em suas investigações. Apesar de já existir alguma experiência consubstanciada na academia, ainda não há uma sistematização norteadora compatibilizada. Provavelmente, nesse campo de estudo tão diversificado, isso nem seja possível sendo mais recomendável relacionar as recomendações processuais recorrentes dos pesquisadores bem sucedidos.

A proposta deste artigo é apontar, nas ousadias metodológicas que nortearam pesquisadores das práticas espetaculares em dança, algumas indicações jamais limitando outras possibilidades. A primeira observação é que são pesquisas transdisciplinares, eis que a

Etnocologia em sua essência se coloca no espaço de transversalidade reconhecendo as produções simbólicas como representações da complexidade social. Por isso é recomendável relativizar os grandes sistemas explicativos e priorizar a observação das conexões e o entrelaçamento de todos os elementos que constituem um fenômeno social particular. O que importa não é a elaboração de uma verdade, mas a articulação de verdades locais, permitindo nos situar no fato presente. Nessa direção, Maffesoli recomenda o Projeto Compreensivo que consiste no esforço dirigido de respeitar a complexidade e particularidades das representações no exercício teórico de revelar suas experiências.

Algumas ciências das humanidades vêm frequentemente dando as mãos aos etnólogos nesse caminhar, como a sociologia contemporânea, a antropologia cultural, a história oral e a micro história. Essas ciências vêm contribuindo não apenas nas suas fundamentações teóricas, mas principalmente na disponibilidade de seus instrumentos e técnicas de investigação e têm se constituído num campo fértil para o pesquisador dos processos coletivos espetaculares da dança.

Porém, se ainda engatinhamos na construção de um método de investigação, o mesmo não se pode dizer quanto ao delineamento do perfil do seu pesquisador. Algumas características específicas já são reconhecidas. Um ponto convergente entre os pesquisadores é que não lhes cabe observar simplesmente, pois o seu objeto de estudo, a espetacularização da ação do cotidiano, só poderá ser investigada a partir de sua imersão na relação humana da comunidade em questão.

Não basta apenas munir-se de uma grande quantidade de dados e informações, sem ter se impregnado do viver social, seu cotidiano, celebrações, dramas, alegrias e idiossincrasias. Em outras palavras, deve-se ser capaz de conviver no grupo com o significado pleno do estar junto para absorver sua cultura, sentindo tanto os seus prazeres quanto as suas amarguras. O pesquisador precisa se inserir o mais perto possível no universo vivido pela comunidade estudada.

Essa atitude exige uma abertura para a diferença e o exercício da alteridade, como informa Lapantine (2007, p.160): “implicando uma descentração radical em relação à sociedade de que faz parte o observador, isto é, uma ruptura com qualquer forma dissimulada ou deliberada, de etnocentrismo”.

Esse comportamento vai exigir do pesquisador assumir o risco de perder, em alguns momentos e situações, as próprias identificações de sua cultura de origem. Muitas vezes, para compreender seu objeto de estudo, precisa mudar todas as suas referências, códigos e

categorias lógicas e ideológicas de mundo. O que poderá resultar em não retornar totalmente ileso da experiência e vivenciar uma espécie de estranhamento de sua própria cultura e seu sistema simbólico de identificações.

Não se trata de compreender uma determinada sociedade apenas em suas manifestações exteriores, é preciso internalizá-la, para perceber os significados que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos e emoções. A sociedade deve ser apreendida desde o seu interior, através dos atores sociais com os quais o pesquisador mantém uma relação direta no corpo a corpo. O investigador das danças etnocenológicas trabalha com testemunhos vivos e atuantes de um aqui e agora carregado de representações simbólicas, arquivos culturais e diferentes cosmovisões de um complexo cruzamento de histórias. Por essa razão, nos atrevemos a nomeá-lo de um pesquisador encarnado.

O foco é a vida cotidiana dos homens e seus resíduos irrisórios espetacularizados. Por isso é importante dispensar especial atenção a esses materiais residuais em geral desprezados pela ciência tradicional. Trata-se de um deslocamento do padrão de referência para encontrar o que está no sombreamento, no fundo das aparências. Segundo François Laplantine (2007, p. 156):

No campo, tudo deve ser observado, anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar. De um lado, o menor fenômeno deve ser pretendido na multiplicidade de suas dimensões (todo comportamento humano tem um aspecto econômico, político, psicológico, social, cultural...).

E aí podemos ousar um pressuposto, afirmando que o investigador da etnocenologia não pode se colocar como um especialista, pois sua prática é essencialmente multidisciplinar, cabendo-lhe costurar retalhos para recompor uma rede densa de interações para compreender os processos de imbricações dos diferentes sistemas simbólicos dos quais resultaram novas inscrições fruto da recusa do valor universalista. Nessa direção terá que lidar com fenômenos como o cruzamento e o sincretismo. Sobre essa questão adverte Leda Maria Martins (1997, p.30):

Dentre as várias possibilidades de apreensão e designação desses efeitos de cruzamento, que não se instalam pela via do sincretismo, vislumbramos dois outros: um processo de analogia, de ressonâncias metafóricas periféricas, e um processo de deslocamento, similar à contigüidade. Nenhum desses processos realiza-se pela exclusividade, mas, sim, por sua predominância.

Outro aspecto importante deve ser destacado: a constante vigilância do pesquisador, em seu labor perceptivo, para distinguir os efeitos das ações de *voir* e *regarder*, apontados por François Laplantine (1996, p. 15):

Dans la langue quotidienne, le mot **voir** qui, notons-le, signifie toujours ce qui est devant, est utilisé pour désigner un contact immédiat avec le monde qui ne nécessite aucune préparation, aucun entraînement, aucune scolarité. Pour voir l'éclair ou l'arc-en-ciel ou encore la petite Sophie qui vient de faire une chute de vélo et qui paraît inconsolable, il n'est nul besoin d'avoir séjourné à l'Université. Voir, c'est recevoir des images.

Entretanto, segundo o mesmo autor (1996, p. 16),

Regarder est un mot qui a été forgé au Moyen Âge et dont le sens nous parvient encore aujourd'hui: regarder, c'est garder, prendre garde à, prendre soin de, manifester de l'égard à, prêter attention, considération, veiller. Le regard s'attarde sur ce qu'il voit.

Essa noção que distingue o *voir* do *regarder* rompe com a tradição intelectualista e positivista da representação, pois identifica o olhar como um olhar de um corpo que é capaz de explorar o visível e também o invisível, porque pleno de sensibilidade e intuição capaz de perceber o que é tangível e, também, o intangível. Nesse sentido, pertencer ativamente ao universo cotidiano e simbólico do grupo estudado e dispensar uma especial atenção ao sentido de *regarder* é fundamental para o pesquisador compreender a totalidade irreduzível e significativa da prática e do comportamento espetacular do grupo estudado e seu impacto na sociedade.

Outro aspecto peculiar é reconhecer o caráter perturbador de sua presença como um fato gerador de uma nova situação no grupo. Nesse caso passa a ser fundamental compreender as motivações extra-científicas que o levaram e qualificaram enquanto observador. Segundo observa Laplantine (2007, p. 172):

A perturbação que o etnólogo impõe através de sua presença àquilo que observa e que perturba a ele próprio, longe de ser considerada como um obstáculo que seria conveniente neutralizar, é uma fonte infinitamente fecunda de conhecimento. Incluir-se não apenas socialmente, mas subjetivamente faz parte do objeto científico que procuramos construir, bem como do modo de conhecimento característico de profissão de etnólogo.

Finalmente, outra característica fundamental do perfil desse pesquisador é buscar **o que** é antes de querer decretar **o que deve ser**. Isto significa assumir com humildade a alteridade e o princípio da diferença sem hierarquias.

O resultado do seu trabalho científico não se resume a uma conclusão que traga um efeito de comprovação, pois nem persegue esse fim. Todo o processo da pesquisa resulta na

apresentação das “prescrições para ver” que, segundo Maffesoli, não substitui a ação presencial apenas lhe dá poderes para compreender melhor como são, o que são e o que fazem os sujeitos do fenômeno pesquisado.

E, para encerrar, é necessário que tenha a curiosidade, a alma de um artista e a sensibilidade para sentir os cheiros, as cores, os humores, os temores, as alegrias e as lágrimas, o dito e o não dito, enfim o ritmo e a ambiência do que está a sua volta, das travessias, das encruzilhadas e dos saberes que orientam aquela comunidade e que, em última instância, vão lhe guiar em sua ousadia como pesquisador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**, SP: Brasiliense, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum**, SP: Brasiliense, 1988.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**, SP: Perspectiva e MG: Mazza, 1997.